

Mídia como aparelho privado de hegemonia

Homero de Oliveira Costa

Jornal de Hoje 06.08.2002

Para se compreender as complexas relações entre mídia e política no Brasil, torna-se imprescindível uma análise mais acurada dos meios de comunicação.

E existe hoje no Brasil um expressivo número de estudos nesse sentido, oriundos do campo da comunicação mas, também, no campo da ciência política (embora se constitua em uma área relativamente recente de estudos) embora não tenha se estabelecido, ainda, qualquer consenso teórico ou metodológico. É um tem amplo e sujeito a muitas abordagens.

No entanto, parece haver um razoável consenso quanto ao poder da mídia, sua centralidade na sociedade moderna e seu impacto na opinião pública e nos processos eleitorais. A mídia, tem, cada vez mais, desempenhado um papel importante na política, especialmente com o advento da televisão, construindo cenários, agendando temas a serem debatidos, canalizando demandas da população junto ao governo etc., se constituindo, portanto, num agente político de grande importância.

Como afirma Bernardo Kucinski, os meios de comunicação de massa, substituíram as praças públicas na definição do espaço coletivo da política no mundo contemporâneo.

Um dos impactos mais relevantes na política é que, com o primado da mídia, a política cada vez mais deixa de ser centrada nos partidos (organizados em torno de princípios, idéias e programas) e convergem para os candidatos.

Essa ocupação dos espaços constitucionais pela mídia é apontada por muitos analistas como uma das causas da crise dos partidos.

A cobertura dos candidatos e não dos partidos, a crescente personalização da política, a despolitização das campanhas etc. Assim, a mídia substitui os partidos na função de principal mediador entre candidatos e eleitores, além de outras funções antes atribuídas aos partidos.

Se a mídia e a televisão em particular, ocupam um lugar central nesse processo, o que explica? Creio que uma das principais contribuições nesse sentido é de Venício Lima.¹ Inspirado nas formulações de Antonio Gramsci, elabora o conceito de Cenário de Representação Política (CR-P) que, resumidamente, ele define como o espaço específico da representação da política nas democracias representativas contemporâneas, constituído e constituidor, lugar e objeto da articulação hegemônica, construída a longo prazo, nos e pelos, na e pela televisão.

Para o autor, a mídia desempenha um papel central em relação ao processo político e para a construção da hegemonia (categoria de análise formulada por Gramsci, na qual o poder nas sociedades capitalistas modernas se exerce muito mais pelo Consenso do que pela Coerção).

Para ele, a mídia e a televisão em particular, têm um papel fundamental na manutenção da ideologia política dominante.

Na política, ela “ajuda a construir cenários hegemônicos que possam favorecer determinados temas em disputas na sociedade, favorecendo determinados candidatos etc.”.

Isso não significa, para Venício Lima, reduzir-se ao simplismo de “teorias conspiratórias” que explicam a influência da televisão e da mídia de uma maneira geral, “a partir de maquinações tramadas a portas fechadas, por padrões inescrupulosos, em conluio com os donos do poder”.

Gramsci, como mostra o autor, insere os meios de comunicação no que chama de Aparelhos Privados de Hegemonia, formados por instituições privadas autônomas, tanto políticas (sindicatos e partidos), como também não-políticas, como a família, igreja, por exemplo.

Esse conjunto de instituições atua na sociedade civil (conjunto de instituições responsáveis pela elaboração de valores simbólicos, de ideologias) que se

¹ Lima, Venício. Mídia, teoria e política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001)

caracteriza pela difusão de uma visão de mundo. Para Gramsci, estas instituições atuam de forma muito mais eficaz e decisiva do que os Aparelhos Repressivos, responsáveis pela “manutenção da ordem”.

E, entre estas instituições, a mídia, enquanto Aparelho Privado de Hegemonia, por sua centralidade, “se transforma em território e objeto privilegiado das disputas pelo poder político hegemônico”.

Basta pensar, de um lado, o alto grau de concentração de propriedade dos meios de comunicação no país (cujas licenças de concessões em geral são feitas à base de critérios de favoritismo e moeda de barganha política) e o papel que elas exercem na política, exemplificada pela Rede Globo, que tem sido fundamental para a legitimação do poder político, atuando como peça importante na construção da Hegemonia das classes dominantes no Brasil.

Com esse “pano de fundo”, creio ser possível ampliar a compreensão do papel da mídia na sociedade brasileira.

Homero Costa é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/homero_costa/index.html



www.dhnet.org.br